

**Expressão de emoções e discurso:
Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas
produzidas por falantes não nativos do Português Europeu.**

Hanna J. Batoréo
Universidade Aberta, Lisboa

1. Introdução

O presente trabalho desenvolve uma proposta de estudo de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas tanto por falantes nativos como não nativos do Português Europeu (cf. Batoréo 2004a e 2005), inserida num projecto global mais extenso subordinado ao tema da Linguagem e Emoção. Esta investigação insere-se no enquadramento teórico de Linguística Cognitiva, especificamente na proposta concretizada, nos últimos anos, por Leonard Talmy (cf. Talmy 2000).

O presente estudo baseia-se na análise das histórias escritas, produzidas por **timorenses, falantes não nativos do Português Europeu**, professores de Língua Portuguesa, que se encontram na faixa etária dos quarenta anos e a residir em Díli, capital de Timor Leste. A amostra abrange dois tipos de histórias: (i) a narrativa que é produzida em função de um estímulo visual (cf. “narrativas provocadas” em: Batoréo, 2002 [1996]) e (ii) a narrativa espontânea, subordinada a um tema previamente apresentado que faz despoletar uma história. No total, foram reunidas **78 histórias**, das quais **48** constituem **narrativas provocadas** (duas por cada falante) e **30 histórias espontâneas**, subordinadas ao tema “A história da minha família”. Em cada uma das histórias foram analisadas as **estratégias de avaliação** que, paradigmaticamente, surgem na coda da narrativa e que são consideradas uma instanciação discursivamente específica da **interacção linguístico-conceptual entre as áreas de Linguagem e Emoção**.

Os resultados obtidos são discutidos em função dos pressupostos relativos ao estudo da expressão das emoções, desenvolvidos recentemente em Ciências Cognitivas (cf. entre outros, Wierzbicka 1999 e Hogan 2003), e que apontam para a discussão que incide, por um lado, sobre as características universais da inter-relação entre a expressão da Emoção e a conceptualização subjacente ao Discurso, com destaque para o discurso narrativo e, por outro, sobre a sua especificidade, vista sob o prisma da diversidade linguística e cultural.

2. Fundamentação teórica.

O estudo da expressão da Emoção na e pela Linguagem tem sido, nos últimos anos, o objecto de investigação privilegiado no enquadramento teórico proposto pela

Linguística Cognitiva, na qual, numa das suas ramificações mais elaboradas (cf. Talmy, 2000), se defende que tanto a linguagem como a cultura constituem sistemas de cognição tipicamente constituídos por **padrões de carácter afectivo-conceptual e comportamental**:

“Cognitivism indicates that cultural patterns exist primarily because of the cognitive organization in each of the individuals collectively making up a society. (...) Our general perspective is that there has evolved in the human species an innately determined brain system whose principal function is the acquisition, exercise, and imparting of culture. This system of cultural cognition encompasses a number of cognitive capacities and functions, most of which are either weak or absent in other species. (...). The content of this structured cultural complex pertains both to conceptual-affective patterns and to behaviour patterns.” (Talmy, 2000, Vol. II, 373).

Estes padrões que cruzam a informação cognitiva com a afectiva podem ser instanciados de modos muito variados. Uma das instanciações mais destacadas ao nível discursivo é constituída por **processos avaliativos**, estudados em Linguística pelos funcionalistas desde os anos noventa do século passado, especialmente no enquadramento que considera a *Língua enquanto Discurso* (MacCarthy 1994, 1998). Na sequência desta abordagem funcionalista, os estudos desenvolvidos no âmbito cognitivo e centrados na conceptualização e na construção do discurso narrativo parecem permitir uma nova perspetivação nesta área de estudos, mais ainda, se pensarmos que o **discurso narrativo constitui o terreno privilegiado para o estudo do relacionamento entre a Linguagem e a Emoção**:

“Stories in every culture both depict and inspire emotion. Indeed, the fact that some stories are highly esteemed in any given culture suggests that those stories are particularly effective at both tasks – representing the causes and effects of emotion as understood or imagined in that society and giving rise to related emotions in readers. (...) We have very good reason to assume that widely admired depictions of emotion tell us something important about the way people in a given society think about emotions. In other words, we have a body of commonly enjoyed, elaborate, narrative portrayals of emotion scenarios. At the very least, these would seem to tell us far more about common emotion ideas than some verbal definition of an emotion term.” (Hogan, 2003:1-2)

Dado que a avaliação é considerada como um dos processos cognitivos centrais, na produção das narrativas, o elemento chave que marca a complementação do padrão cognitivo “problema – solução” corresponde a uma avaliação positiva de, pelo menos, uma das soluções avançadas (Cf. MacCarthy & Carter, 1994: 55). Segundo os mesmos autores, este papel específico é assumido pelas estratégias de avaliação utilizadas pelos contadores de histórias tanto ao longo do texto como, muito especialmente, **na coda da história, quando fornecem a avaliação final**:

“If positive evaluation for any particular solution is withheld, the writer normally turns to consider other possible solutions. A text which ends with no positive solution offered leaves the reader with the feeling of unease; no one likes to think problems are insoluble. Leaving the reader in a state of unease is, of course, a legitimate device of some styles of writing (...). Most problem solution patterns will end with a preferred solution, but may have stages in between where solutions are rejected, or partially accepted, creating more complex patterns. (...) In complex texts, the loop back potential solutions can be repeated many times, until the final positive evaluation. (MacCarthy & Carter, 1994: 55-56).

Defende-se também que, quando expressões idiomáticas ocorrem no discurso, isto não acontece de modo casual, mas, com grande grau de previsibilidade, normalmente na coda narrativa. Ao utilizar uma expressão idiomática, frequentemente de carácter proverbial – como em: “quem ri por último ri melhor” – ou, na ausência desta, uma outra expressão de carácter fixo – como em: “e viveram felizes para sempre” – o contador de histórias transmite a sua opinião acerca de algo ou alguém ausente, acabando por produzir, por vezes, pensamento de pendor filosófico e/ou moralizante. Consegue evitar, deste modo, pronunciar-se explicitamente acerca dos participantes directamente envolvidos no processo da interacção verbal, não deixando, no entanto, de se pronunciar e de avaliar a quem e a quê entender, efectuando, assim, **um complexo trabalho de defesa de face, tanto no que diz respeito ao próprio Locutor como no que diz respeito ao Alocutário.**

3. Discussão dos dados: Estratégias de avaliação no *Corpus* das narrativas espontâneas (SF)

No *Corpus SF*, ao contar a(s) história(s) das suas famílias, os seus autores apresentam-se simultaneamente (i) informativos, o que confere às suas histórias um estilo contido e recatado (cf. SF-T18MP), bem como (ii) optimistas, fazendo projecção explícita de pensamentos e sentimentos positivos para o presente e o futuro (cf. SF-T12FP, SF-T13FP, SF-T16FP e SF-T20FP), características que lhes permitem expressão e transmissão de afectividade a nível narrativo. Seja por razões de tabus afectivos, que os possam levar a não verbalizar pensamentos negativos para não atrair infortúnios e “as forças do mal”, seja por opção racionalizada de acreditarem na construção de uma nação futura de que a família é o elemento nuclear e a força propulsora, os contadores de histórias timorenses raramente relatam um acontecimento trágico e quase nunca se queixam, transmitindo nas suas histórias uma visão de “pensamentos positivos” projectada para o futuro. A referência à infelicidade ou desventura é apenas relatada pontualmente (cf. “há tristeza, sofrimento” e “foi um dos maiores pesadelos”, na narrativa SF-T14MP, ou “um [filho] passa a vida a beber com os amigos sem pensar no futuro”, na narrativa SF-T22FP), surgindo nas narrativas *SF* remetida para o pano de fundo. Noutros casos, é referida a contrastar com a informação

positiva de grande força de projecção, que acaba por neutralizar a referência negativa anterior (cf. “*Foi um grande choque, uma pena, pois com essa tenra idade tinha que enfrentar as dificuldades desta vida sozinho. (...) Foi uma alegria, uma festa quando (...)*”, na narrativa SF-T23MP, ou a caracterização da família como “*pobre, mas feliz*” (p. ex., SF-T05MP, SF-T07MP, SF-T11MP).

Perspectivadas do ponto de vista da estrutura linguística, as estratégias de avaliação podem ser, genericamente, de carácter lexical, morfossintáctico, sintáctico e discursivo. A análise das estratégias de avaliação utilizadas no *Corpus SF* das histórias timorenses mostra, no entanto, que nem todos os tipos estruturais ocorrem neste tipo de discurso com a mesma frequência e representatividade. Os marcadores de avaliação visivelmente mais frequentes e mais explícitos são os de carácter lexical e morfossintáctico, sendo praticamente inexistentes as estratégias sintáctico-discursivas, tais como, por exemplo, as construções enfáticas ou topicalizações. Os marcadores lexicais mais frequentes são os intensificadores de grau como ‘muito’ em: “*a família muito modesta*” (SF-T16FP) ou “*uma história muito incógnita*” (SF-T27MP). Ao nível lexical, destaca-se, também, a adjectivação avaliativa, como em “*a minha família é uma família enorme*” (SF-T22FP), “*irá sofrer boas ou más [= más] consequências no futuro*”, “*sinto uma imensa responsabilidade de como escrever*” (SF-T14MP), “*os rapazes foram todos bem sucedidos, casaram-se e todos tiveram filhos*” (SF-T25FP) e em “*O meu avô era um grande servidor dos colonialistas portugueses que na altura administravam Timor. Por ter bom comportamento e ser bastante obediente, deram-lhe como recompensa o posto de Tenente-Coronel (...)*” (SF-T06MP). Tal como no último dos exemplos citados, a adjectivação de avaliação, modificada ou não por um marcador de intensidade, acompanha frequentemente outros marcadores lexicais, inerentemente avaliativos, como p. ex., ‘servidor’ ou ‘recompensa’.

É frequente o uso dos marcadores aspectuo-temporais como o ‘já’ (contrastado, por vezes, com o ‘ainda’), que regula as relações temporo-espaciais e de perspectivação dentro da narrativa, como em “*O meu pai chama-se X. Ele tem já 65 anos*” (SF-T07MP), “*Os meus irmãos já se casaram e já tiveram muitos filhos. Também eu já me casei.*” (SF-T24FP) e em “*Os quatro filhos ainda são todos solteiros. Dois já são professores e dois não têm ainda vaga para ocupar.*” (SF-T11MP). Tal como o ‘já’, surge o marcador ‘sempre’ (SF-T08FP), que acaba por regular as relações temporais, sobretudo quando falha o emprego dos tempos gramaticais (o Presente do Indicativo vs. o Pretérito Perfeito Simples vs. o Pretérito Imperfeito), bem como as aspectuais de iteratividade. Compare-se o seguinte exemplo: “*Assim no tempo da Indonésia é proibido falar português mas nós acompanhávamos a ler sempre os jornais e cruzadas e também quando encontramos com umas colegas sempre queremos falar com outros, por isso até agora ainda não esquecemos.*” (SF-T08FP). As falhas no emprego dos tempos gramaticais não é, provavelmente, muito transparente ao nível das narrativas espontâneas (cf. com o das narrativas provocadas, no capítulo seguinte), por os falantes de L2 experimentados se sentirem livres de omitirem as estruturas sintácticas cujo emprego lhes levanta mais problemas e de as substituírem por outras ferramentas linguísticas que consideram alternativas, tais como, por exemplo, os marcadores atrás referidos.

Também a modalização deôntica é regulada pelo emprego da construção morfossintáctica de carácter perifrástico: ‘ter de’/ ‘ter que’ + Infinitivo, como em: “*Os filhos têm de ser gratos para com os pais, não ingratos*” (SF-T01FP) e “*Eu tinha que trabalhar para sustentar a família. Como o meu vencimento era muito pouco, nada podia garantir. Tinha que trabalhar horas extraordinárias para fins de ajudar actividades do meu marido*”(SF-T09FP).

O emprego frequente dos marcadores morfossintácticos de carácter temporal, aspectual e/ ou modal atrás referido, bem como o não emprego e/ou o não controlo de construções sintácticas nos contextos em que elas surgem tipicamente nas narrativas de L1, aponta para o uso de estratégias pragmáticas de substituição ou de estratégias linguísticas específicas de carácter alternativo, observadas noutras línguas pelos falantes de L2.

Embora os estudos desenvolvidos sobre as estratégias de avaliação no discurso narrativo ao nível de L1 prevejam o emprego de construções fixas, frequentemente idiomáticas, com colocação preferencial na coda das histórias, esta hipótese não se confirma nas narrativas SF dos falantes timorenses. Apesar de escassa, a linguagem metafórica que dá origem a expressões fixas surge ao longo dos textos e não, especificamente, nas codas narrativas, tal como se pode observar em: “*E o nosso leme foi de ‘Não há vitória sem luta, não luta sem sacrifício e não há sacrifício sem amor’ e esse leme é que nos levou a formar a nossa família*” (SF-T09FP) ou em: “*Entretanto o casamento durou pouco tempo pois a minha mãe teve que regressar para a eterna morada depois de ter concebido 6 filhos, entre os quais eu sou o quarto.*” (SF-T27MP). Por outro lado, as expressões fixas – com graus variáveis de fixidez –, embora frequentes (exs. SF-T17MP, SF-T22FP, SF-T24FP), nem sempre se encontram controladas na totalidade pelo falante L2. Observem-se, aqui, os exemplos de vários graus de controlo, verificados nas expressões com verbo leve ‘ter’, ‘dar’ ou ‘passar’ (exs. SF-T06MP e SF-T22FP). Mesmo no caso das expressões mais cristalizadas em que é evocado o nome da presença divina, como em: “*graças a Deus*”, “*com a bênção de Deus*” ou “*com a graça de Nossa Senhora*” (cf. SF-T02FP, SF-T14MP, SF-T22FP e SF-13FP), o seu uso nem sempre aparece automatizado, como se pode observar nas abonações parcialmente livres (p. ex., SF-T25FP, SF-T14MP e SF-T25FP).

Se a linguagem idiomática é praticamente ausente das codas narrativas das histórias espontâneas, o emprego de fechos fixos é pouco significativo. Repare-se, aqui, nos exemplos: “*E era assim a história da minha família.*” (SF-T17MP) ou “*É a história da minha família.*” (SF-T20FP).

Quanto à localização a nível do texto, as estratégias de avaliação utilizadas no *Corpus SF* surgem ao longo do discurso produzido e não especificamente na coda. Temos, assim, as estratégias de avaliação no início absoluto do discurso espontâneo (p. ex., SF-T25FP, SF-T05MP, SF-T07MP, SF-T09FP, SF-T11MP), bem como na parte inicial do texto, sem obrigatoriamente surgirem na abertura (p. ex., SF-T06MP, SF-T09FP, SF-T10MP, SF-T14MP, SF-T16FP, SF-T20FP, SF-T22FP e SF-T24FP). É igualmente frequente a avaliação ser apresentada ao longo do desenrolar do texto (p. ex., SF-T01FP), assim como nos comentários finais colocados na coda (p. ex. SF-T22FP, SF-T24FP).

As estratégias de avaliação utilizadas a nível discursivo são portadoras e transmissoras de valores, que fazem parte do sistema de crenças e convicções dos contadores de histórias. Entre os valores pessoais, os narradores timorenses prezam, sobretudo, a bondade, a honestidade, a coerência, a simplicidade, a sinceridade, a justiça, o rigor e a capacidade de manifestação de amor, tal como se comprova, por exemplo em SF-T12FP, SF-T12FP, SF-T13FP, SF-T13FP, SF-13FP, SF-T20FP e SF-T07MP. São precisamente estes os valores que os timorenses procuram num(a) companheiro/a escolhido/a para o cônjuge, necessários para a construção de um futuro lar (SF-T23MP) e, posteriormente, uma família. Esta não é concebida apenas como uma unidade social indispensável para enfrentar as dificuldades (SF-T20FP), mas antes como um dever e uma responsabilidade, assumidos tanto individualmente como em conjunto com o cônjuge (p. ex., SF-T15MP, SF-T17MP e SF-T20FP). A família é construída com e para os filhos, depositários da futura felicidade da nação (SF-T14MP e SF-T01FP), funcionando quer a nível nuclear quer a nível mais lato de uma família de várias gerações, quer ainda em conjunto com as famílias colaterais dos irmãos. Torna-se, assim, num núcleo comunitário numeroso, em que a unidade, a solidariedade e a reciprocidade constituem valores básicos na construção da vida melhor e mais desafogada (p. ex., SF-T01FP, SF-T25FP e SF-T09FP). Trabalhar, lutar contra as adversidades e esforçar-se para sustentar, educar e garantir a instrução dos filhos é condição básica para alcançar sucesso no futuro, podendo esperar-se, em contrapartida, a gratidão e o auxílio deles na velhice (p. ex., SF-T29FP e SF-T09FP), bem como paz e harmonia no futuro em geral (SF-T30MP). Estes valores funcionam igualmente ao nível da família alargada (p. ex., SF-T28MP, SF-T20FP, SF-T23MP). A obediência, o sacrifício e o conceito de serviço desempenhado em prol dos outros (SF-T06MP e SF-T09FP) constituem outros dos valores veiculados pelos contadores de histórias.

Note-se, ainda, que a instrução de que se fala nas histórias não constitui um valor em si só, no sentido de ser preciso ser-se instruído para se poder, por exemplo, entender melhor o mundo circundante ou enfrentar melhor as dificuldades de vida. A instrução é encarada, antes, como instrumento que permite garantir um emprego melhor na função pública, um meio de sustento estável e/ou um alicerce na construção de uma sociedade mais coesa.

Na sequência dos exemplos acima apresentados, os valores expressos ao longo da produção narrativa no *Corpus SF* podem ser classificados, quanto ao seu grau de representatividade, de modo seguinte: (i) O êxito na vida é fruto de esforço e trabalho construtivo, bem como da luta contra as adversidades e infortúnios que surgem na vida das pessoas; (ii) A família constitui um núcleo de funcionamento de uma sociedade, sendo garante da sobrevivência e da felicidade quer dos seus membros quer do povo a que pertence; (iii) A família é concebida tanto a nível nuclear, de unidade que se constrói com o cônjuge criteriosamente escolhido para o efeito e com os numerosos filhos, como no sentido lato de uma família multigeracional (avós, pais, filhos e netos) e a cooperar com as famílias colaterais (irmãos); (iv) A sobrevivência e a felicidade da família são asseguradas pela reciprocidade e gratidão: a educação que os mais velhos garantem aos seus filhos e o auxílio que os mais novos prestam à geração anterior; (v) A

família construída com amor é o dever e a responsabilidade de todos os seus membros, sendo o garante da felicidade individual e da vida em comunidade.

4. Discussão dos dados: Estratégias de avaliação no *Corpus* das narrativas espontâneas (HC)

Dada a especificidade da metodologia que está na origem da sua produção, as histórias provocadas reunidas no *Corpus HC* diferem em muitos aspectos das do *Corpus SF*. Ao contrário do que acontece no caso do discurso espontâneo, em que o narrador é totalmente livre na sua produção discursiva, sendo apenas orientado pelo tema genérico que lhe é fornecido, no caso das narrativas provocadas, os contadores de histórias são conduzidos na sua tarefa pelo conjunto dos estímulos visuais, através dos caminhos previsíveis e determinados pelos sistemas de conceptualizações e de verbalizações típicos de um determinado sistema linguístico de que são falantes. Neste caso, os narradores não têm praticamente nenhuma liberdade na tarefa que desempenham, sendo fortemente determinados não apenas no que contam, mas também no como o fazem, tanto do ponto de vista cognitivo como estritamente linguístico. Daí resultam produções muito mais curtas, mais contidas do ponto de vista da produção discursiva, isto é, obedecendo ao fio condutor da história, bem como mais “puras”, ou seja menos “contaminadas” do ponto de vista do género discursivo produzido, visto serem menos frequentes as misturas entre o discursivo narrativo, por um lado, e o descritivo bem como o argumentativo, por outro. Se, por exemplo, a imagem de uma certa parte da história a contar apresenta, obrigatoriamente, a oposição existente entre os acontecimentos que se desenvolvem em planos diferentes, destacando o contraste entre o primeiro plano e o plano de fundo, ao nível linguístico este contraste narrativo numa língua como o Português tem que se traduzir pelo emprego contrastivo dos tempos verbais o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito. Numa situação destas, o narrador não tem praticamente nenhuma margem de liberdade, não podendo – como acontecia no caso das histórias espontâneas, em que controlava na totalidade o modo de desenvolver da história, – evitar certas estratégias linguísticas, substituindo-as por outras. Sendo obrigado a usar determinadas construções e não as dominando do ponto de vista linguístico, na ausência da possibilidade de fuga o narrador acaba por cometer erros. É este o mecanismo que faz com que as narrativas provocadas, embora menos extensas em termos do material linguístico reunido, sejam mais reveladoras quanto ao domínio linguístico apresentado pelos falantes que as produzem.

Apesar de terem sido avaliados inicialmente como falantes de Português L2 com bom domínio da língua e se terem mostrado contadores de histórias hábeis no caso da tarefa de narrativa livre, ao nível do *Corpus HC*, os contadores de histórias revelam deficiências ao nível da competência narrativa, sobretudo no que diz respeito aos seguintes aspectos: (i) abertura das narrativas (construção sintáctica introdutória de uma informação nova com um grupo nominal precedido por um determinante indefinido), tanto ao nível da abertura absoluta (p.ex. ‘era uma vez um cavalo’) como nas construções apresentativas das aberturas intratextuais (p.ex., ‘estava lá uma vaca’); (ii)

ordem dos constituintes na frase, especialmente no caso dos verbos do tipo ‘*aparecer*’ que exigem a ordem não-canónica do Português: VS(O) (como, por exemplo, em: ‘*apareceu um gato*’); (iii) marcação temporo-aspectual obrigatória ao nível dos tempos gramaticais, com o destaque para o contraste entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito (p. ex., em ‘*apareceu um cão que tinha muita fome*’); (iv) contraste entre os planos narrativos, evidenciado pelo emprego dos marcadores temporo-aspectuais, com o destaque para o contraste entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito, por um lado (como em: ‘*andava o cavalo a pastar e de repente encontrou uma vaca*’), e entre o presente e os pretéritos, por outro (tal como em: ‘*aparece um cão, morde-lhe o rabo e o gato fugiu*’); (v) emprego das construções relativas apresentativas (como, por exemplo, em: ‘*havia um cavalo que andava a passear nos prados*’).

Assim, por exemplo, os enunciados como: “*Derrepente [= de repente] aparecia um cão, e esse também tinha muita fome*” [C-T17MCHP] ou “*Esta história conta-se sobre o cavalo.*” [T03FHCP] são reveladores (de alguns) dos aspectos acima apresentados.

Os narradores das histórias provocadas, porém, não apresentaram apenas problemas ao nível das estratégias linguísticas utilizadas, mas também no que diz respeito à conceptualização da própria história. Assim, por exemplo, no caso do falante T03FHCP encontramos o seguinte desfecho da *História do Cavalo*: “*Os dois encontram [= encontram-se] como um bom [= bons] amigos e aí começam a conversar dentro do quintal. E depois a vaca amarrar [= amarra a pata do cavalo].*” [H-T03FHCP]. Este desfecho mostra claramente que o narrador não só não domina certas construções e estratégias linguísticas, típicas do Português, mas falha a contar a história tal como ela é apresentada no conjunto das imagens que se propõem desencadeá-la: “*O cavalo, depois de ter encontrado a vaca no prado, procura saltar a cerca, mas tropeça na vedação e cai. Entretanto, a vaca – auxiliada por um passarinho que traz a mala de primeiros socorros – procura ajudá-lo, ligando-lhe a pata.*” Repare-se que, neste caso, o narrador omitiu duas imagens da história, que se referiam ao momento culminante, ou seja, à queda do cavalo, reinterpretando a cena do auxílio prestado ao cavalo como um momento do seu aprisionamento, acabando por contar uma história totalmente diferente.

Se falha o tipo de história que o narrador conta, acabando por ser contada “uma outra história” (em vez de a prevista pela metodologia que desencadeia a produção das narrativas provocadas), a avaliação efectuada ao longo do processo narrativo pode, igualmente, resultar “numa outra avaliação”. A apreciação global das avaliações efectuadas pelos narradores do *Corpus HC* demonstra que – ao se debruçarem sobre as histórias dos animais da *História do Cavalo* e da *História do Cão e do Gato* – os seus autores não as apresentam como histórias de encontros ou de amizades, como por regra se pode verificar no caso dos falantes de Português L1, mas antes como histórias de confrontos, lutas e desencontros (tal como exemplificado no caso [H-T03FHCP]). Ao contrário do previamente esperado, estes resultados mostram que, no caso das histórias provocadas, tal como já acontecia no caso das narrativas espontâneas, os narradores timorenses contam o quê (e como) entenderem, acabando por esquivar-se às exigências

formais do enquadramento metodológico e da conceptualização que ele, à partida, impõe. Esta tendência pode ser, igualmente, observada nas codas das narrativas, onde os contadores das histórias apresentam a sua avaliação final.

Nas codas do *Corpus HC* analisadas, é raro surgir um fecho final sem avaliação, como acontece, por exemplo, em: “*Assim foi a história do cavalo.*” [H-T08MCHP] ou “*Assim termina a história do cão e do gato.*” [C-T11MCHP]. Por regra, os narradores colocam na coda pelo menos a “conclusão” que tiraram da história, como acontece, explicitamente, no caso da narrativa H-T02FHCP ou comunicam o agrado por a ter contado (H-T15MHCP). Na maioria dos casos, no entanto, os contadores de histórias aproveitam a coda para avaliarem os acontecimentos narrados (frequentemente diferentes dos esperados), tal como se pode observar em: “*Dá-nos a lição para sermos corajosos a construir e desenvolver a nossa vida.*” [C-T20FHCP]. Este momento final é utilizado para veicular convicções morais e filosóficas, frequentemente em forma de uma frase feita (cf. “*Devemos ajudar o próximo nas más adversidades*” em: H-T06MHCP), procurando transmitir uma série de valores, dos quais merecem destaque: (i) cooperação, reciprocidade, ajuda mútua, unidade e solidariedade (exs. H-T06MHCP, H-T13FHCP e C-T05MCHP); (ii) luta para construir o futuro (C-T20FHCP), contrariando as adversidades (H-T06MHCP); (iii) paz e harmonia no convívio com os outros e no desempenho de boas acções (H-T05MCHP e C-T01FHCP); (iv) coragem e confiança no futuro (C-T20FHCP); (v) necessidade de lutar pelo sustento e sobrevivência (H-T01FHCP); (vi) modéstia, contrastada com vaidade (H-T05MCHP) e com soberba (H-T09FCHP); (vii) confiança na amizade: confiança nos amigos e desconfiança perante os inimigos (C-T09FCHP).

5. Conclusões

As avaliações analisadas traduzem-se pelos padrões afectivos que constroem as narrativas e que veiculam sistemas coesos de valores, característicos dos sistemas de crenças dos seus autores.

Se compararmos as avaliações produzidas pelos mesmos falantes nos dois *corpora* reunidos, verificamos que se trata de transmissão do mesmo tipo de valores, embora a sua instanciação efectuada em cada *corpus* seja diferente, dada a especificidade temática de cada tipo de história. Assim, a avaliação efectuada nas narrativas provocadas transmite os padrões afectivos do relacionamento existente entre o indivíduo e a sociedade em que este se insere, enquanto nas espontâneas, orientadas pelo fio condutor do tema da família, se constroem os padrões de funcionamento da extensa célula social, núcleo de uma sociedade intrinsecamente virada para o futuro. A diferença de abordagem pode, por conseguinte, ser traduzida pela diferença de focalização: se, num caso, efectuamos uma microanálise, no outro, abordamos o mesmo objecto de estudo a nível de macroestrutura.

Os valores inerentes aos padrões afectivos e transmitidos pelos contadores de histórias pertencem ao mesmo tronco comum de crenças e convicções, que se mantêm coerentes, independentemente do tipo de discurso produzido. Tanto num caso como no outro, os contadores de histórias defendem (i) o esforço e trabalho construtivo com

olhos postos no futuro, (ii) efectuado em paz e harmonia, encarado com (iii) modéstia e orgulho, mas sem soberba ou vaidade, com (iv) coragem e (v) lutando com tenacidade pelo sustento dos que deles dependem e contra as adversidades com que todos se deparam. O sucesso é visto em termos colectivos: como a luta é desenvolvida no seio da sociedade, ela não pode ser concebida (vi) sem confiança nos amigos, sem reciprocidade na cooperação, sem ajuda mútua, unidade ou solidariedade.

Dado o tema específico das narrativas livres, defende-se nelas que é a nível da família que a luta se afigura mais produtiva, permitindo, assim, alcançar êxito na vida. Cria-se, deste modo, um elo de causalidade directo entre a construção e funcionamento da família e a meta a atingir: alcançar o sucesso, tanto colectivo como individual.

A família é conceptualizada, deste modo, como um deôntico constructo social, indispensável para a sobrevivência de um povo e para a criação de uma nação.

Por tratar-se de uma amostra de falantes não-nativos de Português, as experiências efectuadas não nos permitiram confirmar algumas características linguísticas das narrativas que tínhamos antes observado no caso dos falantes do Português Europeu L1 (cf. Batoréo 2004 e 2005). Apesar de se tratar de um grupo de falantes de Português com bons conhecimentos da língua e boa capacidade comunicativa, constataram-se várias falhas na produção das narrativas, tanto do ponto de vista da conceptualização das histórias como do ponto de vista linguístico, a nível da competência narrativa. Se, por conseguinte, as histórias contadas em Português pelos timorenses não podem ser consideradas “histórias portuguesas”, mas apenas “histórias contadas em Português”, fica demonstrado que a variável língua particular constitui um factor determinante na produção narrativa efectuada pelos contadores de histórias.

Pelo contrário, a variável sexo não parece influenciar a narrativa, já que não observámos diferenças nas histórias contadas pelos sujeitos masculinos ou femininos da nossa Amostra.

A análise efectuada mostra que a metodologia utilizada tem claramente influência sobre o tipo do género discursivo produzido. Quando a metodologia é muito directiva, tal como acontece nas narrativas provocadas, em que os contadores de histórias são dirigidos na sua produção do discurso, o tipo deste pode ser caracterizado como (muito próximo do) prototipicamente narrativo, isto é, da narrativa “pura”, não contaminada por outros géneros discursivos. No caso da produção livre, por outro lado, os seus autores situam-se na periferia do protótipo narrativo, misturando os géneros discursivos e acabam por criar histórias com partes descritivas, narrativas e/ou argumentativas, em que o grau de “pureza” narrativa parece depender do tema específico proposto para a história espontânea. No caso estudado, em que o tema – *A história da minha família* – se sujeita, por exemplo, a descrições pormenorizadas dos membros das muito numerosas famílias timorenses, o discurso não-narrativo pode até vir a prevalecer nas histórias espontâneas.

A produção das estratégias de avaliação não parece, no entanto, depender do tema da história contada. Em todos os tipos de histórias, independentemente da metodologia utilizada e do grau de prototipicidade da narrativa alcançado, os narradores produzem avaliações, tanto ao nível do texto todo, como em lugares que para tal privilegiam.

Conforme previsto (McCarthy 1991 e ss.), o lugar claramente privilegiado para albergar as avaliações é a coda narrativa. No entanto, e ao contrário do que acontece nas narrativas portuguesas de L1 (cf. Batoréo 2004 e 2005), nas histórias não-maternas não encontramos expressões idiomáticas (Naciscione, 2001 e ss.), o que parece dever-se à falta de mestria linguística dos sujeitos da Amostra. Em vez de expressões idiomáticas, encontramos antes expressões com características fixas, surgindo entre elas algumas com carácter puramente formal de fecho, mas outras por regra explicitamente avaliativas. Nas histórias espontâneas, surge um outro lugar discursivo privilegiado para colocação das avaliações – no início das histórias –, situação que não se observa no caso das narrativas provocadas.

O tipo de valores que os contadores de histórias transmitem ao produzirem estratégias de avaliação não varia com o tipo de história, o que significa que, independentemente do tipo do tema da narrativa, o tipo de valores transmitidos pelos seus autores é constante. O que muda consoante o tema é o grau de elaboração avaliativa, bem como a sua instanciação.

Tal como proposto por Hogan (2003), independentemente do tipo de história contada ou da língua em que a produção discursiva é feita, os narradores transmitem – de acordo com as suas crenças – o seu próprio ideal de felicidade, isto é, um padrão afectivo-conceptual pelo qual traduzem os inter-relacionamentos entre Emoção e Linguagem. No caso dos narradores timorenses, independentemente do tema das histórias, este ideal prende-se com a construção do futuro pacífico a nível de uma sociedade unida e solidária. Só um tema bem definido – tal como *a família*, no caso das histórias produzidas livremente – permite delinear este ideal genérico em termos concretos: é a família numerosa e multigeracional que constitui o garante deste futuro e, na sequência desta convicção, a sua construção deve ser concebida a nível deontico como dever e responsabilidade de toda a sociedade.

Referências

- Abrantes, Ana Margarida (2005) Fundamentos cognitivos da narrativa autobiográfica. O exemplo de Peter Weiss. In Abrantes & Hanenberg (org.) (2005) 47-71.
- Abrantes, Ana Margarida e Peter Hanenberg (org.) (2005). *Cognição, Linguagem e Literatura. Contributos para uma Poética Cognitiva*, Cadernos do CIEG, nº 16, Coimbra.
- Athanasiadou, A. & Elzbieta Tabakowska (eds.) (1998) *Speaking of Emotions*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter
- Batoréo, Hanna J. (2000 [1996]) *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000.
- Batoréo, Hanna J. (2001) The Structure of Child Language and the Structure of Learner Language in Narrative Discourse: First and Second Language Acquisition in European Portuguese In. M. Almgren; A. Barreira, M.-J. Ezeizabarrena; I. Idiazabal; B. MacWhinney (eds.) *Research on Child Language Acquisition. Proceedings of the 8th Conference of the Study of Child Language*, Cascadilla Press, CD-ROM, 2001, 264-278.

- Batoréo, Hanna J. (2004a) Evaluation Processes in L2 European Portuguese Narratives, *Psychology of Language and Communication*, 2004, Vol. 8, No. 2, 73-91.
- Batoréo, Hanna J. (2004b) *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*, CD-ROM, Lisboa: Universidade Aberta.
- Batoréo, Hanna J. (2005) Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In Bokus, B. (ed.) (2005) *Papers in Honour of G.W. Shugar*.
- Batoréo, Hanna J. e Armada Costa (1999) Reference Mechanisms in Children's Oral and Written Narratives at the Age of Ten In. M. G. Pinto et al. (org.) *Psycholinguistics on the Threshold of the Year 2000. Proceedings of the 5th ISAPL Congress*, 265-270.
- Batoréo, Hanna J. & Isabel H. Faria (2001) Representation of Movement in European Portuguese: A Study of Children's Narrative In. K. E. Nelson; A. Aksu-Koç; C. Johnson (eds.) *Children's Language* Vol. 10, *Developing Narrative and Discourse Competence*, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2001, 31-54.
- Bernárdez, Enrique (2004) Intimate enemies? On the relations between language and culture. In. Silva, Gonçalves & Torres (eds.) *Linguagem, Cultura e Cognição. Estudos de Linguística Cognitiva*, 2 vols. Coimbra: Almedina, 21-46.
- Brandt, Per Aage (2005) Modelos narrativos e o significado. In. Abrantes e Hanenberg (org.) (2005), 23-32.
- Geeraerts, Dirk & Stefan Grondelaers (1998) Vagueness as a Euphemistic Strategy. In. Athanasiadou, A. & Elzbieta Tabakowska (eds.) 357-374.
- Hogan, Patrick Colm (2003) *The Mind and Its Stories. Narrative Universals and Human Emotion*, Edinburgh, New York: Cambridge University Press.
- McCarthy, Michael (1998) *Spoken Language and Applied Linguistics*, Cambridge, CUP
- McCarthy, Michael & Ronald Carter (1994) *Language as Discourse: Perspectives for Language Teaching*, Longman
- Morais, Armindo José Baptista de (2002) *O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino/Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-Materna*, Universidade Aberta: Lisboa, 2002
- Naciscione, Anita (2001) *Phraseological Units in Discourse: Towards Applied Linguistics*. Latvian Academy of Culture, Riga 2001.
- Naciscione, Anita (2003) Translation of Terminology: why Kill the Metaphor? In Andrejs Veisbergs (ed.) *The Third Riga Symposium on Pragmatic Aspects of Translation. Proceedings*. University of Latvia, Aarhus School of Business, Riga 2003, 102-115.
- Naciscione, Anita (2004) The Pattern of Instantial Stylistic Use of Phraseological Units as a Mental Technique. In. Salah Mejri (ed) *Espace Euro-Méditerranéen: une Idiomaticité Partagée*, Actes du Colloque International, Hammamet, 19-21 Sept. 2003, Rencontres Linguistiques Méditerranéennes & Europhrases, Publication de l'ENS, 177-189.
- Slobin, Dan I. (1990) Learning to think for speaking: native language, cognition and rhetorical style. In. Aura Bocaz (ed. *Actas Primer Simposio sobre Cognición, Lenguaje y Cultura: Diálogo Transdisciplinario en Ciencias Cognitivas*, 129-152. Santiago: Universidade de Chile.
- Talmy, Leonard (2000) *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I & II, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London; England, 2000, 2003 edition.
- Wierzbicka, Anna (1999) *Emotions Across Languages and Cultures: Diversity and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.